

# AS SIGNIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS POR MÃES A RESPEITO DA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS INTERAÇÕES DE CRIANÇAS

Camila Turati Pessoa<sup>1</sup>

Lúcia Helena Ferreira Mendonça Costa<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo<sup>3</sup> teve como objetivo compreender as significações construídas por mães a respeito das interações da criança e suas inter-relações com os processos de constituição da identidade infantil. As participantes deste estudo foram quatro mães com pelo menos um filho com idade entre 3 e 6 anos, todas com escolaridade de ensino médio completo e idades entre 21 e 33 anos. Com as premissas da pesquisa qualitativa utilizamos de entrevistas semi-estruturadas, realizadas individualmente, gravadas em áudio, que foram posteriormente analisadas individual e conjuntamente, buscando conhecer as significações emergentes nas falas. Utilizamos três blocos de questões norteadoras: 1) A história de vida das mães e sua infância, 2) A história do ser mãe e 3) A visão das mães sobre a constituição da identidade de seus filhos. Estes norteadores nos deram elementos para compreender de que lugar estas mães estão falando, (re) construindo suas vivências e atribuindo sentidos às suas experiências de vida. Com isso, podemos perceber que as significações que cada uma foi se apropriando de acordo com suas histórias de vida as norteiam ao interagirem com seus filhos e, conseqüentemente, ao se tratar da infância. Consideramos importante compreender as significações das mães a respeito da constituição da identidade infantil e entendemos a escuta como essencial para o trabalho do psicólogo, principalmente, em contextos escolares e educacionais, buscando diálogos entre os pais, a escola, o psicólogo, as crianças e os demais atores destas interações.

**Palavras-chave:** mães, significações, constituição da identidade infantil, interações infantis.

## Abstract

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. camilatpessoa@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. luciacost@hotmail.com

<sup>3</sup> Pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

This article<sup>4</sup> aims to understand the meanings constructed by mothers about the children's interactions and their interrelationships with processes of identity formation. The participants in this study were four mothers with at least one child aged between 3 and 6 years, high school graduated and aged between 21 and 33 years. With base on qualitative research we used semi-structured interviews, carried out individually, audio-recorded, which were then analyzed individually and together, to better understand meanings emerging in speech. Three blocks of questions were utilized during interviews: 1) The mother's childhood and life history, 2) The history of being mother, and 3) The mother's view of identity constitution in their children. These guiding questions gave to us elements to comprehend about from which place the mothers are saying, (re) building their experience and assigning meaning to this. With this questions we can see the meanings that each one was appropriating according to their life stories have guided them when they interact with their children and, consequently, in their conceptions of what childhood is. We consider important comprehend the meaning of mothers about childhood identity constitution and we understand that the listening is essential to the psychologist's work, especially in scholar and educational contexts, seeking dialogue between parents, school, children and others actors of this interactions.

**Key-words:** mothers, meanings, childhood identity constitution, children interactions.

## INTRODUÇÃO

A temática deste estudo circunscreve-se no campo de pesquisas que procuram compreender os processos de constituição do eu e do outro numa perspectiva histórico-cultural, representada pelos teóricos Henri Wallon (2002, 1975, 1975a, 1975b) e Lev S. Vygotsky (1996, 2000, 2008). Este trabalho é um recorte de um estudo mais amplo de Costa (1999, 2007) que visa aprofundar as discussões já iniciadas, dando novos contornos, agora, para as interações infantis com ênfase nos processos de constituição da identidade infantil a partir do ponto de vista das mães.

Estudar a criança pequena numa perspectiva integradora a partir das dimensões afetiva, cognitiva, social e motora é pensá-la como uma pessoa que se constitui nas e pelas interações com o meio. Esta concepção de pessoa walloniana é múltipla, situada em contextos

---

<sup>4</sup> Scientific Research Initiation funded by National Council of Scientific and Technological Development (CNPq).

e campos interativos específicos. Estamos assumindo, portanto, o estudo da constituição do eu e do outro numa perspectiva sócio genética, como um desenvolvimento constituído na e pela interação social e inserido em um contexto histórico-cultural.

Nesta direção, a teoria vygotskyana também destaca a importância das interações na constituição da pessoa; esta entendida como um indivíduo social, real e concreto, cuja singularidade se constitui enquanto membro de um grupo social-cultural específico. Para Vygotsky (1996) essa constituição é pensada como processo, onde o mundo cultural apresenta-se ao sujeito como o outro, a referência externa que permite ao ser humano constituir-se como tal. Desta forma, afirma que “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (ibid, p.57). Por isto é que pesquisar o ponto de vista das mães sobre as interações infantis faz-se necessário, pois “o outro”, no caso os pais, são co-autores na formação da identidade das crianças como filho, como aluno, como cidadão.

Sobre a importância destas interações sociais, a família aparece como os primeiros “outros”, e segundo Szymanski (2006), o processo de socialização se dá no convívio familiar e, em especial, por meio das práticas educativas desenvolvidas, com a finalidade de transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos, que se acredita, dentro da família, serem úteis para a inserção dos filhos na sociedade. “É na família que a criança encontra os primeiros ‘outros’ e, com eles aprende o modo humano de existir” (p.83). Assim, seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade que, constitui o primeiro referencial para a sua constituição identitária.

A diferenciação eu-outro nasce da imersão da pessoa no mundo social, nas relações e diálogos estabelecidos a partir e com os *outros*. E reconhecer um *si mesmo* passa, necessariamente, pela existência e também pelo reconhecimento de outros *si mesmos*. E para entendermos como ocorre este processo de constituição da pessoa, da fusão à diferenciação, construímos esta pesquisa baseada nos pensamentos de Wallon e Vygotsky sobre a origem e evolução da pessoa, e ainda em como este *outro* (parceiros da mesma idade/adulto) participam deste processo como co-construtores.

Neste sentido é que enfatizamos a relevância de conhecer as significações que as mães têm em relação à constituição da identidade de seus filhos, pois ao interagirem com eles estão, também, fazendo parte da constituição do eu da criança e contribuindo para fortalecer a formação da identidade infantil. Isto permite, ainda, melhor compreensão do processo de desenvolvimento da criança pequena e os ajudam em suas relações no contexto familiar.

## **Família: constituição e definições**

Importante entendermos sobre família, suas definições e configurações para que seja possível refletir e buscar compreender o problema de pesquisa aqui proposto. Quando se pensa a família como parte de um contexto material, social e histórico é possível compreendê-la sob diferentes dinâmicas, bem como sobre funções que lhe são atribuídas (DESSEN; RAMOS, 2010).

Sobre isso, aponta Fuscaldi (2004), que a família seria considerada como uma estrutura, cujos elementos e relações sofreriam mudanças dentro dos limites das possibilidades estruturais. Com isso, sempre as mesmas funções seriam encontradas dentro da família, mas nem sempre da mesma forma.

Com suas diversas configurações, uma formulação una de família é discutida. Sobre essa definição apresentam Oliveira e Marinho - Araújo (2010):

apesar da crescente discussão acerca das possíveis definições de família e da busca por um conceito comum, ainda não é possível afirmar que exista uma definição de família que seja aceita e adotada consensualmente pelos estudiosos da área, pelas instituições governamentais e pela sociedade (p.100).

Mesmo sem essa definição exata, Carvalho (2002) afirma que a família tem em si uma função, a que envolve a expectativa de que produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. Szymanski (2004) contribui, também, para compreender a família como primeira instância de convívio social. Aponta que o processo de socialização se dá no convívio familiar e, em especial, por meio das práticas educativas desenvolvidas por essa família com a finalidade de transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos que se acredita serem úteis para a inserção dos filhos na sociedade.

Sobre as diferentes composições de família, discutem Afonso e Figueiras (citado por Carvalho, 2002) “Evitando a naturalização da família, precisamos compreendê-la como grupo social cujos movimentos de organização-desorganização-reorganização mantêm estreita relação com o contexto sociocultural” (p. 15).

A família tradicional nuclear burguesa, então, acaba por ceder lugar a diversas novas configurações familiares que se tornam mais visíveis, exigindo legitimidade e maior aceitação por parte da sociedade (RIOS; GOMES, 2009). Assim, os arranjos familiares distintos que vão surgindo, por sua vez, provocam transformações nas relações, nos papéis desempenhados

pelos seus membros, nos valores, nas funções intergeracionais, nas expectativas e nos processos de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLONIA, 2007).

Sendo assim, além de diversas configurações, as famílias estão envolvidas em um momento histórico-cultural-social, e é formadora de seus membros, juntamente com o contexto que a compõe. Aponta Szymanski (2004) que ao levar-se em conta a família como um contexto de desenvolvimento, não se pode olhá-la como atuando isoladamente das demais instituições sociais.

Desta forma, as famílias existentes em qualquer que seja a época ou o local, serão frutos de interações e influências com o contexto em que estão inseridas, carregando consigo o momento histórico, social e cultural em que se encontram e a sociedade em que estão inseridas, resultando em diferentes maneiras de ser família. Isto é confirmado por Carvalho (2002) ao dizer que os modos de “ser família” vão se configurando com o passar dos tempos.

Sobre essa concepção burguesa, cabe ressaltar que é uma maneira de compreensão da instituição família, que é muito forte e vigente até os dias de hoje. Mas, outras visões de mundo podem entender esse tema diferentemente deste modelo.

Uma diferente maneira para compreendê-la é sob a ótica da perspectiva histórico-cultural, que segundo Vigotski (2008), compreende os sujeitos como inter-atuantes no e com o contexto no qual estão inseridos e que são resultados do momento e tempo histórico em que vivem. Com isso, padrões estabelecidos podem ser contestados e compreendidos de maneira a se considerar tempo e espaço do que se busca estudar.

Cabe acrescentar que família na contemporaneidade não é normativamente definida, e que é composta por uma diversidade de membros e que entre estes é possível que se estabeleçam vínculos que os unam e os façam estar ligados por esses sentimentos permeados na entidade família.

Assim, compreender a família nos traz elementos sobre como esta instituição é importante na formação e na constituição dos que dela fazem parte, e entender como esses movimentos vão se configurando é de grande valia para estudar a formação da identidade dos filhos e como estes se relacionam na e com a família, bem como entre os pares.

### **Sobre a criança na família**

Nem sempre a criança dentro da família teve seu papel estabelecido da mesma maneira, e com isso a forma como era tratada foi se modificando com o passar dos tempos. As crianças começaram a ter mais atenção no século XVI, e com o passar do século, o infantil

se transformaria numa iconografia da família, ou seja, a criança seria o expoente da afirmação da existência familiar.

Estas representações de crianças, segundo Ariès (1981), mostram o surgimento do progresso do sentimento da família, que emerge entre os séculos XVI e XVII e que vem junto com o de infância dentro do núcleo familiar.

Com isso, naquela época as crianças não ficavam em casa, iam para os lares de outrem para serem aprendizes, ou seja, se iniciarem na vida adulta. Assim, o vínculo pais-filhos não era alimentado. Por muitas vezes essa criança saía de casa e não voltava mais, já seguia sua vida de onde estava. Como aponta Ariès (1981) “a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (p. 158).

Do século XVI ao fim do século XVIII, o reconhecimento da infância na sociedade foi se estabelecendo. Ou seja, o sentimento de família, de infância e a maneira como esta é tratada não surgiu de uma hora para outra, fora um movimento, e foi se consolidando aos poucos na maneira que conhecemos hoje por essas configurações (FARIAS, 2005).

Desta forma, segundo Ariès (1981), a criança dentro do lar passa a ter mais atenção e assume uma posição social de maneira que receba mais lugar e seja o expoente da família. Assume, assim, papel de indispensável para que esta aconteça. O sentimento de família, então, surge e vai se modificando nos diferentes contextos juntamente com a percepção que se tem da criança na sociedade.

Porém, o tratamento das crianças e a educação ministrada a elas, bem como o fato que determinava quando seria o final da infância, estavam vinculadas diretamente com a sua condição social e econômica (FARIAS, 2005).

Assim, para dizer sobre a função da família e da influência da formação da criança dentro desta é preciso ressaltar que esta instituição é considerada a primeira agência educacional do ser humano, sendo responsável, em grande parte pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Como aponta Szymanski (2002), a descoberta de que os anos iniciais de vida são cruciais para o desenvolvimento emocional posterior, focalizou a família como locus potencialmente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvios de comportamento.

Com isso, a família em sua composição traz para os seus, principalmente se tratando das crianças, a referência primeira de relações e contextos. Os membros do lar são os que em

maior força e número farão parte das iniciais experiências dessas crianças com o mundo que as cercam. E, com isso, dependendo da família e do momento histórico-cultural-social em que estes estão inseridos, diferentes serão essas relações.

É preciso olhar a família no seu movimento de constantes reorganizações, o que torna visível a conversão de arranjos familiares entre si, bem como reforça a necessidade de se acabar com qualquer estigma sobre as formas familiares diferenciadas (CARVALHO, 2002).

Com isso cabe ressaltar que o arranjo familiar que se estabeleça irá, independentemente de sua configuração dos membros, será considerada a primeira instância que fará o contato da criança com o mundo social, bem como de primeiras interações desta com seus pares.

Com isso, o movimento da constituição e representação da família sofreu modificações ao longo da história, e esta transformação implica em como esta se relacionará com os pares e de como seus integrantes serão representativos dentro desta. O que se pode dizer é que tanto os pais como os filhos foram sendo vistos diferentes nesse movimento e que essas transformações geraram maneiras diversas de se estar e se constituir família.

Para compreender a criança dentro desta família é necessário estudar como as relações dentro do lar ocorrem e vão se constituindo como de suma importância na formação da identidade infantil. Portanto, o estudo sobre as relações intra-familiares e sobre as relações desta criança com os pares são importantes serem estudados. Cabe agora discorrer sobre estes processos de constituição e de significações sobre infância.

### **Os processos de constituição da identidade infantil e de significações sobre infância**

Ao falarmos de identidade infantil pretendemos entender como ocorre essa constituição e quais aspectos estão implicados para que essa formação aconteça. Entendemos a relevância de conhecer essa constituição, pois entrando em contato com instâncias formadoras, como a cultura, a família, os pares, e o contexto; o estudo do ser humano, e em especial da criança, torna-se necessário para buscar compreender como ocorre a constituição da identidade infantil e de que maneira se estabelecem as relações com os pais neste processo.

Pensar a educação infantil é pensá-la inserida no contexto familiar enquanto um contexto de desenvolvimento, um meio social que favorece a constituição da pessoa. Apoiando-se nas contribuições de Wallon (1975, 1986) e de Vygotsky (1996, 2008) buscamos compreender o processo de desenvolvimento da criança pequena, com ênfase na constituição do eu e do outro, em momentos peculiares de interação com seus pares, consigo mesma e com

o adulto – neste caso, seus pais. Para estes autores, existem momentos no desenvolvimento, conflitos na constituição da formação e diferenciação eu-outro que são propulsores à formação da criança como um todo, representando fases importantes para o processo de diferenciação e afirmação do eu.

Goes (1993) também aponta que o espaço interativo é o contexto de constituição do sujeito, de seus conhecimentos e formas de ação. Assim, no esforço para compreender essa constituição, há que abordar o papel do outro no espaço de ação do sujeito.

Segundo Vigotski (2008) e Wallon (1975), é através das interações da criança com o adulto e com os seus pares que ocorre a diferenciação do eu e do outro e, portanto, se configura o eu infantil. Desta forma, são ampliadas as possibilidades da criança para afirmar e desenvolver, cada vez mais, a sua individualidade e para compreender melhor as relações sociais da cultura à qual pertence. Neste sentido encontramos também a família, além da instituição educacional, como co-responsável na construção destes processos. Desta maneira, a explanação anterior sobre família e o papel da criança nesta nos auxilia a entender estes movimentos constitutivos.

A abordagem teórica que escolhemos aqui como base para pensar esses processos é conhecida como histórico cultural ou sócio-histórica, na qual, Nascimento (2007) ao comentar o trabalho dos autores citados acima, aponta que concebem o desenvolvimento humano a partir de uma visão de homem histórico, constituído ao longo do tempo, nas e pelas relações e condições sociais.

Para Vigotski, a pessoa é entendida como um indivíduo social, real e concreto que adquire sua singularidade por meio das interações com os outros ao seu redor. Podemos dizer que é através dos outros que a pessoa em si consegue sua singularidade (SIGARDO, 2000).

Por meio dos ensinamentos de Henri Wallon podemos perceber que nos primeiros anos iniciais, os sentimentos que ligam a relação pessoa-mundo-família são os laços emocionais (DANTAS, 1995). Com isso, o ambiente no qual a criança terá contato será sua família, e com esta estabelece laços e cria vínculos, e a família assim atua como formador primordial na constituição do sujeito. Um exemplo disto são as explicações que a criança encontra para dar ao mundo ao seu redor, que são atreladas à sua experiência com o ambiente e com os que fazem parte deste, conseqüentemente, sua família está incluída neste processo (WALLON, 1986).

Vigotski se apóia na idéia de que o desenvolvimento do sujeito está diretamente ligado com o desenvolvimento cultural deste, bem como com quais fontes este interage (NOGUEIRA; SMOLKA, 2002). Estes pensadores auxiliam, então, a compreender de que

maneira os processos sociais estão implicados na formação da identidade infantil, e é por meio dos pensamentos destes que buscaremos compreender como ocorre essa construção.

Uma fala que ilustra o casamento das interações sociais como formadoras de cada sujeito, que age e interage com seu meio, é o que foi salientado por Dantas (1995) ao apresentar as idéias de Wallon: “Não há nada mais social do que o processo através do qual o indivíduo se singulariza, constrói sua unicidade” (p. 97).

Segundo Nogueira e Smolka (2002) não é o indivíduo que a priori explica seus modos de se relacionar com o outro, mas as relações sociais nas quais está envolvido é que podem explicar seu modo de agir, de pensar e se relacionar. Como salienta Wallon (1986), a criança primeiramente é incapaz de agir por si mesma, precisa ser completada, e quem faz o papel deste complemento é o outro na relação, tomando lugar fundamental na constituição de sua identidade.

Contribui Dantas (1995), ainda, ao pensar os pressupostos de Wallon dizendo que a criança quando atua sobre a realidade, consegue agir por ela mesma, até mesmo transcendendo esta realidade, isto porque é herdeira de sua cultura e está interagindo neste contexto, e este passo só é possível, pois em primeira instância teve o outro como primeiro agente.

A família aparece como tal instância e oferece possibilidades de interações da criança com seus pares, com adultos e entrar em contato com a cultura na qual vive através do olhar e da transmissão de conhecimento que vem principalmente dos pais (WALLON, 1975, 1986).

Como ainda salienta Nascimento (2007), ao comentar a obra de Vigotski, afirma que este é um movimento dialético no qual a constituição do eu-outro ocorre. O eu se constitui então pela mediação do outro, ao mesmo tempo em que, nas relações humanas, a inter-relação com o outro é ponto fundamental para a constituição da condição humana.

Há que se fazer uma ressalva quanto a que tipo de influências estamos considerando como formadoras do sujeito. Consideramos que esta família, seus pares, suas relações, tem sim papel de primeiro agente formador dessa identidade infantil, porém esse ser interatuante que entra em contato com essas influências é resultado de multideterminações:

o ser humano não é nem obra da natureza, nem produto da ação modeladora do meio e nem o resultado de qualquer processo interativo adaptativo do "tipo organismo-meio", onde a natureza polimorfa do meio desencadearia no organismo processos internos de construção de estruturas ou funções virtualmente presentes nele em forma germinal. Ele é uma "produção social" na qual participa na condição de sujeito (PINO, 1993, p. 17).

Com isso, acrescentamos que essa primeira agência de constituição da identidade infantil não é a única que se apresenta como formadora. Da maneira que apontamos acima, o ser humano não é passivo diante das ações e interações que se desdobram ao seu redor, ele interage com esses fatores e os apropria de maneira particular. Assim, os multideterminantes dos quais esse ser participa é entendida de maneira que este seja agente dessas influências que resultarão da produção social da qual faz parte.

Vygotsky ao considerar essas interações que o meio proporciona, traz reflexões acerca de como este ambiente está interligado ao desenvolvimento do que nomeia de *funções psicológicas superiores*. Este autor acrescenta que a natureza social-cultural do meio torna as *funções biológicas*, herdadas geneticamente, insuficientes por si só para fazerem emergir assim as *funções superiores*. Estas, como afirma Vygotsky, *originam-se das relações reais entre indivíduos humanos* (citado por PINO, 1993).

Este mesmo autor considera o funcionamento psicológico como construído no contexto histórico-cultural. O que nomeia de funções psicológicas superiores são então construídas nas interações humanas. Um contínuo de relações entre as condições sociais, e a base biológica do homem são o que constituirão as bases para o desenvolvimento dessas funções (VIGOTSKI, 2008).

Junto a isso, a importância das relações e interações incidem sobre o desenvolvimento infantil e sobre sua identidade, como apontam Rosseti-Ferreira, Amorim, Oliveira (2009) o que se coloca é a necessidade de compreender o lugar do "outro social", ou seja, os diferentes parceiros da criança, adultos ou outras crianças, vendo-os como constituidores daquele desenvolvimento, a partir de uma intrínseca interação pessoa-meio.

Com isso, estas autoras apontam que o processo de desenvolvimento humano envolve co-construção nas e através das interações que as pessoas estabelecem em cenários específicos, são socialmente regulados e culturalmente organizados.

Então, o desenvolvimento não seria o resultado de apenas características individuais, que emergem por maturação e são passíveis de serem detectadas. O que ocorre é um processo de construção social que se dá nas e através das ações e interações estabelecidas por esse indivíduo com outras pessoas, levando em conta seus contextos de tempo e espaços específicos (ROSSETI-FERREIRA; AMORIM; OLIVEIRA, 2009).

Assim, trazemos nesta pesquisa as mães como importantes interativos destas crianças e buscamos compreender estas relações de maneira a apreender o modo como essas mães dão significação para as interações na constituição da identidade infantil.

Compreendendo um pouco acerca destas relações e interações constitutivas do sujeito, cabe neste momento refletir sobre as significações construídas sobre estas relações. As significações das famílias, em especial dos pais, sobre suas crianças é o que auxiliará entender a constituição da identidade infantil.

Aponta Pino (1993) que a significação é o resultado de

progressiva integração da criança no universo da comunicação humana, onde as coisas e as ações adquirem o poder, atribuído pelos homens, de referir a outra coisa que elas mesmas. A entrada nesse universo supõe, portanto, o acesso ao "circuito da comunicação", o que implica a mediação do "outro" (p.19).

Ainda este mesmo autor afirma que na estrutura do signo lingüístico, o significado é o elo que une o significante e o referente (objeto ao qual aquele se refere). As relações entre esses elementos não são fixas, o que permite os múltiplos "jogos de sentido" que caracterizam a fala (Pino, 1993).

Complementa Nascimento (2007) em sua pesquisa sobre significação tomando como base o pensamento de Vigotski, que o processo de significação é entendido como relacionado às experiências e diálogos que uma pessoa mantém com o outro, para que, possa reconhecer a si mesma e conseqüentemente, possibilitando o estabelecimento da consciência do eu, isto é, de si mesma. Assim, estes significados construídos por cada um é perpassado pela experiência com o outro e é internalizado, se apropriando desta significação produzida.

Segundo Luria (citado por SOUZA, 2010) o processo de significação é "um sistema estável de generalizações", isto porque a mesma referência pode adquirir novas estruturas semânticas a cada contextualização. Ou seja, em cada contexto que se considerar, uma nova maneira de ver o objeto pode ser diferente, de ser significado.

Esta família então, considerada como fruto também das multideterminações nas quais o tempo e o espaço na qual está inserida, seria o primeiro universo na qual a criança entra em contato. As crianças então criam significações a respeito das relações com o adulto, com seus pares, e estes componentes formam o universo que será ambiente constitutivo da identidade infantil.

De acordo com Pino (1993) na perspectiva histórico-cultural, a criança já nasce inserida num universo social-cultural, o qual constitui seu meio "natural". Ou seja, a criança em primeiro instante tem como referência valores e costumes da família na qual está inserida, e seus modelos iniciais se pautarão de acordo com as relações que se estabelecem dentro do seio familiar.

Vigotski (2008) diz que as significações são construídas com o outro pelo processo de interação social, com a participação do outro. As experiências que se têm com o outro e com o ambiente que faz parte são os geradores dessas significações que estão dotadas de influência do meio do qual se faz parte. A significação é construída, portanto, na esfera social e sua internalização depende do outro, de sua mediação.

Com isso, Sigardo (2000) nos aponta o processo de significação e o papel do outro como importante para a constituição humana. Afirma que a significação é a mediadora universal no processo do ser tornar-se cultural, e que o portador dessa significação é o outro, lugar simbólico da humanidade histórica.

Para complementar esta explanação a respeito de significação, Smolka (2004) contribui dizendo que esta implica representação, mas não se restringe apenas isto. Representação seria uma maneira de estar internalizando por meio de imagens, signos, ideias, pensamentos, mas significações sobre algo são subjetivamente maiores do que estes veículos.

Ainda sobre estes aspectos, considerar que o ser em constituição é um ser ativo em sua vida é dizer que ele se constitui e se reconstitui nos limites de sua própria atividade. A produção de significações, então, é atrelada ao contexto e aos outros que interagem com ele (GONZALEZ-REY, 2004).

Portanto, as mães neste estudo assumem o papel do outro para a criança em constituição e com isso eles próprios estão ao mesmo tempo criando significados para essa relação. Eles estão se apropriando dessa interação com a criança de maneira peculiar, e com isso cada pai e mãe, juntamente com suas significações, terão estes elementos como norteadores nas interações com seus filhos.

A significação então surge na própria relação, e dizer que o que é internalizado são as significações dessas interações é considerar o que cada um está guardando consigo a respeito dessas trocas, interações. A significação que o outro da relação tem para com o eu, e essa relação dialética dá para o ser constituinte as coordenadas para ele saber quem ele é. Assume, assim, grande importância o outro na formação da identidade infantil (SIGARDO, 2000). Assim, conhecer as significações dos pais sobre a constituição da identidade infantil, pensando as inter-relações nas interações infantis se faz importante, pois ao compreendermos os processos de significação, da constituição da identidade infantil e dos processos de desenvolvimento da infância é possível refletir sobre tais questões.

## **METODOLOGIA**

Pensar as significações de mães a respeito da constituição da identidade infantil é pensar a relação entre pais e filhos como rede. Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva et al. (2004) a “ ‘rede’ possibilita expressar o desenvolvimento das várias pessoas em interação e da situação como um todo, em recíproca constituição, e não simplesmente de cada pessoa isolada das outras e do contexto” (p. 29).

Para discutir estas questões, optamos também por buscar o auxílio de concepções da pesquisa qualitativa. Reconhece-se nesse tipo de pesquisa, “as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social” (GONZALEZ-REY, 2002, p. 28).

Sob a luz desta perspectiva comentada pelo mesmo autor, também se considera que os processos de constituição integram de forma simultânea as subjetividades sociais e individuais, sendo que um é constituído pelo outro em processo dialógico.

Com isso, utilizamos de entrevistas semi-estruturadas com as quais buscamos conhecer as significações de mães a respeito da constituição da identidade infantil de seus filhos, olhando em especial as interações de crianças. Os encontros com as mães foram previamente combinados e acordados, bem como os procedimentos éticos foram feitos. O material foi analisado individual e coletivamente com o intuito de conhecer as significações emergentes nas falas.

Esta maneira de se considerar o objeto estudado nos ajuda a querer conhecê-lo por meio de instrumentos não-padronizados e que sejam construídos de maneira a deixar um hiato para que possa ser preenchido no entre da relação com ele, e com isso a utilização de entrevistas semi-estruturadas se apresenta como ferramenta que nos auxilia a compreender o que queremos investigar.

Assim, como aponta Gonzalez-Rey (2002) a pesquisa qualitativa no estudo da subjetividade vem no sentido de se fazer o exercício de elucidação, pois o conhecimento dos complexos processos que constituem o ser humano não tem como objetivo serem transformados em modelos de predição, descrição e de controle. Esta maneira de se tratar os fenômenos relativos aos processos de desenvolvimento vem de encontro ao modo que consideramos aqui para abordar e estudar pais e filhos.

Nesse sentido, tomamos ainda, como referencial para a compreensão da constituição da subjetividade humana, a perspectiva histórico-cultural, por acreditarmos que o homem se constitui nas e pelas interações sociais. As ações e interações das pessoas que estão em processo relacional são permeadas pelo contexto nas quais estão inseridas, e com isso gera uma multiplicidade de possibilidades de desdobramentos no processo de desenvolvimento das

pessoas envolvidas. Por isto é que compreender o ponto de vista dos pais sobre as interações infantis faz-se necessário, pois “o outro”, no caso as mães, são co-autoras juntamente com outros atores, na formação da identidade das crianças como filho, como aluno, como cidadão.

### **Participantes da pesquisa**

Participaram da pesquisa quatro mães de crianças, que tivessem pelo menos um filho com idade entre 3 e 6 anos, de um Centro Educacional, na cidade de Uberlândia-MG. As idades das participantes variaram de 21 a 33 anos, e o nível de escolaridade de todas as mães é de ensino médio completo.

Escolhemos a faixa entre 3 a 6 anos por ser um momento no desenvolvimento no qual a criança está em um processo de afirmação do eu e diferenciação do outro, e com isso traz elementos que são provenientes tanto da relação com o contexto na qual está inserida e interagindo, como das pessoas nas quais se relaciona em seu processo de desenvolvimento (WALLON, 1986).

Os participantes foram indicados pela coordenação da instituição e todas foram mães. Isto ocorreu por demonstrarem disponibilidade e por serem participativas na instituição. O número de escolhidas foi aleatoriamente pelo acesso ao público e por termos como premissa a pesquisa qualitativa, na qual o número de sujeitos fala por si só, sem a intenção de generalização ou de inferências (GONZÁLEZ-REY, 2002).

Por fim, a escolha do Centro Comunitário foi em função de ser um local no qual já vêm sendo desenvolvidas pesquisas e projetos de extensão sob orientação da professora orientadora desta pesquisa.

### **Procedimentos para o registro dos dados**

Inicialmente foram realizadas *visitas à instituição*, apresentação do projeto, consentimento da instituição e identificação das mães participantes da pesquisa. Depois de identificadas as mães, foram contatadas e convidadas a participar da mesma.

Em seguida, foram realizadas *reuniões* com estas mães para a explanação dos objetivos da pesquisa, para o esclarecimento de dúvidas e procedimentos éticos relativos à pesquisa. Foram também apresentadas as maneiras cujos dados seriam registrados e assim obtivemos o consentimento para tais registros. Cabe salientar que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obteve aprovação para ser efetivado.

Após este momento, foram realizadas *entrevistas* individuais, gravadas em áudio, em local definido previamente, de acordo com a disponibilidade e interesse das mães. As gravações foram *transcritas* na íntegra e respeitando o modo de falar de cada uma, não tomando como premissa seguir necessariamente as regras da Língua Portuguesa.

As entrevistas seguiram um roteiro com três principais blocos norteadores: (1) *A história de vida das mães e sua infância*, no qual buscamos investigar como foi vivida e significada a infância das próprias mães, quais memórias têm dela, quais foram mais marcantes, quem foram seus parceiros de interação, como era a participação dos pais delas na infância; (2) *A história ser mãe*, no qual foram abordadas questões sobre como ocorreu a mudança de papel para ser mãe e compreender quais os aspectos envolvidos e implicados nesse processo. (3) *A visão das mães sobre a constituição da identidade de seus filhos*, para compreender o que acham importante oferecer à criança, conhecer como acreditam que se forma a identidade dos filhos, qual a importância das interações dos filhos com outros – adultos e crianças - para a formação da identidade infantil e ainda como acreditam que contribuem para a formação dessa identidade.

### **Procedimentos para a análise dos dados**

O tratamento dos dados construídos a partir de gravação em áudio e posterior transcrição exige uma forma de análise mais minuciosa em que se torna possível recortar situações que mostrem os pequenos movimentos constituintes das falas, da maneira que as mães apontam suas significações a respeito das interações das crianças que sinalizam a diferenciação eu-outro e a afirmação do eu e, conseqüentemente, a formação da identidade infantil.

As entrevistas foram transcritas, na íntegra, pela aluna-pesquisadora. Com as falas transcritas e revisadas, foram realizadas leituras do material e identificação dos assuntos que respondem às questões norteadoras da entrevista bem como aos objetivos da pesquisa.

Após esta etapa, o material foi analisado primeiramente isolado e depois um olhar sobre as entrevistas conjuntamente, para que os conteúdos de cada fala fossem evidenciados. Depois desse olhar, cada entrevista foi analisada no sentido de ressaltar as falas que ajudassem a responder os conteúdos dos blocos de questões, bem como as significações entremeadas no discurso.

Então, a análise foi feita qualitativamente sob a ótica de que cada fala das entrevistas fosse compreendida em seu processo, e não buscando generalizações ou comparações, como defende a premissa da pesquisa qualitativa acima apontada.

E, por último, de posse de todo o material, encontra-se descrita a discussão e considerações que buscaram oferecer elementos sobre as significações que as mães constroem a respeito das interações da criança e suas inter-relações com os processos de constituição da identidade infantil.

## **CONHECENDO AS MÃES, SUAS HISTÓRIAS, PAPÉIS E SIGNIFICAÇÕES**

Neste momento pretendemos apresentar as entrevistas realizadas de modo a oferecer conteúdo para pensarmos as falas que nos ajudem a responder o objetivo desta pesquisa. As entrevistas foram divididas em três blocos, como exposto anteriormente, e serão apresentadas nesta ordem.

### *1) A história de vida das mães e suas infâncias*

Neste primeiro bloco de investigação, buscamos conhecer como foi vivida e significada a infância das próprias mães, quais memórias têm dela, quais foram mais marcantes, quem foram seus parceiros de interação, como era a participação dos pais delas na infância.

As entrevistadas revelaram que de maneira geral a infância foi uma fase que traz consigo algumas recordações que são boas e outras nem tanto, trouxeram também que foi uma fase difícil, mas que algumas, de algum modo, têm recordações saudosas. Apresentaram, ainda, alguns parceiros de interação e contaram algumas atividades na infância.

Primeiramente quando se lembram da infância, algumas recordações que não são muito boas emergem juntamente com a dificuldade em se recordar do vivido, assim como situações pelas quais passaram não foram como gostariam que fosse uma infância de uma criança. São retratadas nas falas:

*“[...] meu pai era muito alcoólatra [...] simplesmente botou fogo na casa, aí daí pra frente que minha vida começou a mudar, fui morar com meus avós [...] foi ela (a irmã) que me criou. Porque minha mãe também era alcoólatra, começou a ficar alcoólatra, começou a me espancar, aí por fim minha irmã que acabou me criando”*(Entrevistada 1).

*“Eu tinha... Quando comecei a trabalhar, nove eu tinha acho que uns nove anos, só que a época que eu firmei mesmo eu tinha uns 16 para 17 eu acho”* (Entrevistada 3).

Porém, algumas entrevistadas ao se lembrarem de maneira em geral como foi a própria infância, quais recordações que têm dela, trazem experiências que muitas vezes ultrapassam as dificuldades vividas:

*“Foi ótima minha infância, brincava muito, tinha muito colega, tudo de bom que você pensar que teve uma infância, assim pra uma criança, eu tive. [...] Mas minha infância foi ótima”* (Entrevistada 2).

Quando perguntadas sobre quais memórias ficaram mais marcantes em suas infâncias, misturam-se episódios difíceis e agradáveis que foram vividos, nos quais se misturam brincadeiras, passeios, encontro com colegas na mesma idade, eventos familiares que relembram:

*“[...] foi muito perturbada, mas teve momentos bons, pude brincar, passear, [...] nossa, tanta coisa, até hoje a gente lembra, brincar de Barbie, boneca, tinha boneca moreninha e tinha as barbies loirinhas, e a gente brigava por essa moreninha, porque nós duas era morena né? Então a gente queria ser a moreninha. (risos)”* (Entrevistada 1).

*“[...] que me marcou foi a separação da minha mãe com meu pai. como ele tava traindo minha mãe e eu descobria , eu chegava em casa e contava para minha mãe [...] Eu brincava de casinha [...]que eu me lembre foi muito bom, a única coisa que me marcou foi isso que eu estou te falando da separação deles. Mas eu tive uma infância muito boa. Brinquei muito, aproveitei bastante.”* (Entrevistada 2).

Nestas memórias, além de recordarem episódios e momentos marcantes, também contaram um pouco sobre quem foram seus parceiros de interação durante essa fase da vida:

*“[...] eu tinha muita amiga, eu gostava de ir pra escola, adorava escola [...]A gente brincava na rua mesmo, bicicleta, essas coisas...”* (Entrevistada 1).

*“Tinha muito coleguinha onde que eu morava. [...] Depois eu mudei pra aqui, tive uma colega também que ela foi minha amiga dos meus sete até meus 15 anos. (Brincava) Com meus amiguinhos”* (Entrevistada 2).

Sobre o relacionamento com os pais na infância, as entrevistadas contam que tiveram relações tanto boas e ruins, ora com as mães, ora com os pais, trazendo elementos como bom relacionamento, ou brigas e outros tipos interações com os pais:

*“Ai... não é lembranças muito boas não, ela bebia muito, me espancava muito, era muito assim... ela e minha irmã brigavam muito, por minha causa sabe... porque minha irmã queria me proteger... aí nossa ficava pior, assim...”* (Entrevistada 1).

*“[...] sempre muito grudada com a minha mãe.[...] Sempre me dava atenção, tudo que eu precisava, posso contar com a minha mãe, perguntar... porque criança é muito disso”* (Entrevistada 4).

Quando a questão é afetividade na infância, algumas dizem que sentiram falta de mais proximidade e atenção de seus pais:

*“[...] minha tia que correu atrás das coisas pra mim, porque minha mãe não foi, não foi, não quis arrumar a roupa, essas coisas que menina gostava, eu lembro que aí foi muito difícil, foi muito complicado, sabe, assim, eu e minha mãe a gente nunca tivemos um relacionamento bom... [...]então assim, eu não tenho boas lembranças da minha mãe. Não tenho”* (Entrevistada 3).

Neste primeiro bloco percebemos como as histórias de vida das mães imprimiram marcas na retrospectiva de suas memórias, sejam elas agradáveis, desagradáveis, inevitáveis ou construídas conjuntamente com outras pessoas ao seu redor. Por meio destas histórias podemos entender que essas memórias que carregam consigo aparecem de alguma maneira até os dias de hoje, pois quando relembram o passado, fazem alguma interlocução com o presente.

Entendemos, então, que a maneira como vivenciaram seu passado implica de algum modo nas relações que têm no presente, e, conseqüentemente, nos processos de interação de seus filhos. Assim, a relevância de conhecer o passado, memórias e construções sobre a história de vida das mães neste primeiro momento nos ajuda a entender sobre as significações construídas pelos mesmos a respeito da constituição da identidade infantil.

## 2) *História do ser mãe*

Neste segundo bloco foram abordadas questões sobre como ocorreu a vivência para as entrevistadas sobre a mudança de papel para ser mãe, compreender quais os significados deste papel e com isso entender quais os aspectos envolvidos e implicados nesse processo.

As participantes trouxeram reflexões sobre as responsabilidades de se tornar mãe, das dificuldades do processo de adaptação que a criança exigiu em suas vidas, sobre como o aprendizado diário as fez repensar cada dia a educação que oferecem, as atividades que fazem e de que maneira interagem com seus filhos. Trouxeram também as sensações e sentimentos oriundos dessa relação e deste papel.

Quando se depararam com o processo de gestação, de desejo do filho, algumas implicações de ser mãe apareceram no momento em que a criança veio ao mundo, como podemos perceber:

*“[...] o que eu mais queria quando adolescente era ser mãe, aí [...], nossa, foi... eu levei muito susto, porque eu nunca tinha pegado nenhum bebê, não tinha trocado fralda... eu falei meu deus...”* (Entrevistada 1).

*“Antes de ser mãe eu já tinha uma idéia né.. de acompanhar [...] então eu tive o que eu tive em mente, não teve uma mudança... pra fazer diferente... não.. é... eu sou assim o que eu já pensava, mesmo, pensava em fazer as coisas da melhor maneira possível pra ela”* (Entrevistada 4).

Quando se é mãe, aparecem falas de querer e fazer as atividades, as programações da própria vida de modo diferente, pois depois que se “é mãe”, a mudança de papel de mulher para mãe muda a perspectiva de vida segundo a fala:

*“[...] tudo. Mudou cem por cento a minha vida. Nada do que eu fazia, eu faço igual. Não vou dizer que eu deixo de fazer, muitas coisas a gente deixa, é lógico, mas eu não faço igual, eu penso primeiro nela. A minha filha antes de fazer qualquer coisa. Antes de programar minha semana, meu dia, eu penso nela”* (Entrevistada 4).

Percebemos que ao assumir o papel de mãe para aquelas que têm mais de um filho as faz querer que todos os filhos tenham igual atenção, igual amor. Ainda esta experiência de mais de uma maternidade aparece como mais aparato ao pensar as relações com outros filhos e a lidar com as situações:

*“[...] uma mãe ama os filhos da mesma maneira, não é cada um da sua maneira, é o mesmo amor, não tem jeito de separar, não tem jeito”* (Entrevistada 3).

*“Então não sei se é porque eu já fui mais diferente em termos de manter com ele, eu tive mais paciência com ele, porque eu já tinha passado por aquilo então eu já era mais calma, já era mais tranqüila”* (Entrevistada 2).

Quando perguntadas sobre o significado de ser mãe tem para elas, emergem conteúdos sobre os sentimentos e significações sobre a relação que têm consigo mesmas e com seus filhos, como a satisfação em poder cuidar da criança, oferecer a elas o que consideram importante, o dia a dia com os filhos como aprendizado constante e ainda as “sensações maravilhosas”, segundo elas, de saber a sensação de ser mãe, só vivenciando este papel:

*“[...] é mágico igual eu te disse, porque igual, assim, só sendo mesmo. Não adianta quem não é falar alguma coisa. Você imagina, mas você não sente. É mágico, é... depois que*

*nasce... porque até mesmo grávida você já se sente mãe, mas depois que nasce é um amor incondicional...*” (Entrevistada 4).

*“Ser mãe... Ah ser mãe eu não sei. É sei lá, é saber manter o dia-dia, igual estou te falando, é brincar com a criança, é poder passar pra ela as coisas boas, educar direitinho. É estar ali, presente, na hora que ela mais necessita. Eu acho que é a proteção, acho que é isso”* (Entrevistada 2).

Neste segundo bloco percebemos, então, a presença de sentimentos de surpresa, de sentimentos de algo muito bom, de sonho realizado, ao mesmo tempo que ser mãe é complicado, pois buscam amar da mesma maneira os filhos. Então por mais dificuldade que relataram em incorporar este papel, o sentimento de “ser mãe é maravilhoso” foi o que perdurou em suas falas. Também apontaram que só souberam “ser mãe” depois de experimentar na prática o papel, o que as fez perceber a diferença de imaginar e de ser mãe, quais suas funções, para assumir as responsabilidades e vivenciar no dia a dia as novas descobertas de construir com seus filhos seu papel.

### 3) *A visão das mães sobre a constituição da identidade de seus filhos*

Este terceiro e último bloco de investigação buscou trazer elementos para compreender o que as mães acham importante na infância, como se forma a identidade dos filhos, como interagem com eles, como acreditam que contribuem para essa formação, bem como entender o que consideram importante sobre as relações dos filhos com seus pares e com outros para a formação da identidade infantil.

Com as respostas das entrevistadas percebemos de maneira bem ampla as variações de opiniões e significações construídas a respeito da formação da identidade infantil de seus filhos, o que faz com que interajam de diferentes maneiras e busquem oferecer, cada uma a seu modo, o que consideram melhor para as crianças.

Um dos elementos que todas as mães apontaram como formador da criança e que consideraram importante aparecer na infância foi a questão da conversa dos pais com os filhos, o que consideraram ajudar para o contato mãe-filho bem como para o desenvolvimento da criança como um todo:

*“[...] então eu quero conversar com eles, quando tiver namorado, quando tiver problema na escola, quero conversar, ser bastante amiga...”* (Entrevistada 1).

*“[...] você tem que conversar muito, ainda mais criança. E você pensa que não entende, mas entende. [...] Então a gente tem que conversar, tem que sentar, tem que explicar as coisas.”* (Entrevistada 2).

*“Converso, vou passando, mostro mesmo pra eles. Eu não tenho esse negócio de ficar escondendo, não... Mostro sim, converso, e passo...”* (Entrevistada 3).

*“Acredito que é conversando... bastante”* (Entrevistada 4).

Pelas respostas percebemos que também buscam fazer o melhor para os filhos, o que implica em muitas vezes fazer diferente do que foi feito com elas na própria infância, no anseio de buscar oferecer o que acham importante para eles. Assim, as mães buscaram de alguma maneira criar e oferecer ao filho elementos diferentes dos que suas mães ofereceram em suas infâncias, de modo que a relação delas com suas mães aparecem como referência a ser contestada:

*“[...] eu quero ser amiga deles, conversar, porque eu não tive amiga de mãe, minha irmã não foi minha amiga”* (Entrevistada 1).

*“Aí eu falo, o que eu não tive na minha infância em termos de pai e mãe, eu tento ter com meu filho, mais fácil não é, [...] mais eu tento ir aconselhando as coisas, mais meu marido em termos de...eu com meus filhos e ele...é mais ele que eu, ele brinca, rola no chão com os meninos, já eu não tenho paciência pra isso. Não sei se isso veio lá da minha infância, da minha criação, já não tenho paciência pra isso”* (Entrevistada 2).

*“Então assim, eu amo mais, eu acho que por ter vivido, por ter sofrido, eu amo mais, amo mais forte”* (Entrevistada 3).

Outros elementos que consideram importante para a criança na fase da infância também apareceram, como contato social, união familiar, interação com outras crianças:

*“[...] até eu quero que ela fique nisso, até algumas brincadeiras assim que eu fazia antes, coisa é que a gente pudesse fazer e montar, a própria criança fazer, igual a gente fazia, acompanhava a mãe a vó, fazendo pra gente...”* (Entrevistada 4).

*“[...] criança nasceu, tem que ter a infância dela... tem que ter um... não sei explicar... sem... responsabilidade... assim, tem que ser tem que ter a infância dela, tem que ter o carinho de mãe, de pai, tem que brincar, tem que ser criança mesmo, sem querer ser adulto, sabe, antes da hora, tem que ser criança, tem que aproveitar porque é uma fase muito boa...[...] criança não deve ficar sozinha... ter companhia de outras crianças”* (Entrevistada 1).

Quando perguntadas sobre como acreditavam que se forma a identidade de seus filhos, a questão do exemplo dos outros, principalmente dos pais para os filhos apareceu como principal influência:

*“Ai eu acho que eles espelham muito no pai e na mãe né, nos exemplos, assim, acho que é por isso, por esse caminho, que vai ver a identidade deles, vai espelhar no pai e na mãe, vai ver o que tá fazendo, aí vão tirar as conclusões e vão...”* (Entrevistada 1).

*“Olha, eu acho que é com os exemplos, que a gente dá, é com os exemplos que eles vêem na rua, no dia a dia, entendeu? É, na criação que a gente dá pra eles, [...] Os exemplos que eles têm em casa... o jeito que a gente conversa com eles, eu acho que é por aí”* (Entrevistada 3).

Já em outras respostas, as características dos filhos aparecem como sendo herdadas dos pais, ou seja, os filhos “puxam” as características, a personalidade dos pais:

*“Igual minha menina, minha menina [...] puxou muito eu na natureza dela, é nervosa também. O meu menino já é calmo igual ao pai, brinca muito, faz muita gracinha, então aquilo ali é coisinha que você vai vendo assim e vai te cativando [...], ela me puxou, ela é eu escrita. [...] E ele não, ele já é mais tranqüilo, ele é o pai dele escrito. O Pai dele tudo que você fala pra ele está bom”* (Entrevistada 2).

*“[...] no caso da minha filha, ela tem uma personalidade, um gênio muito forte, como eu e o pai, óbvio, não teria como ela ser diferente, eu acho assim... eu acho um pouco difícil eu formar, mas eu posso ajudar”* (Entrevistada 4).

Por meio destas respostas podemos perceber duas concepções sobre a formação da identidade infantil: uma que acredita que os filhos herdaram características dos pais, que têm traços parecidos com os genitores, e outra concepção que acredita que essa identidade é formada com exemplos, convivências que são externas às crianças.

Quando perguntadas sobre como interagem com seus filhos, aparecem três tipos de interação. Um tipo de interação que conversa com o filho, outro que brinca e conversa, e outro que brinca. Assim, vão tecendo os momentos com as crianças, que são espaços de trocas entre mãe-filho, segue uma ilustração:

*“Eu converso muito com ela. [...] a gente não tem muito tempo pra... sentar e ficar o dia inteiro conversando, ensinando, explicando, a gente usa isso um pouco da escola né, da creche... mas o tempo que eu estou com ela eu gosto de ensinar, eu converso muito com ela.”* (Entrevistada 4).

Além das interações referidas, como conversar e brincar com os filhos, as mães também ressaltam como importante para a formação dessa identidade a interação com outras

crianças. Para elas o contato de seu filho com pares de idades próximas auxiliam na aquisição de novos comportamentos, de socialização, do aprendizado de novas palavras, de maneiras de interagir entre crianças que somam à formação da identidade infantil:

*“Acho importante que... vai aprendendo com os outros, aprendendo a dividir... aprendendo a respeitar... o próximo... sabe... ate mesmo dividir um brinquedo, dividir uma comida...”* (Entrevistada 1).

*“Então assim, a desenvoltura dele tá maior, dele tá convivendo com outras crianças, bem maior, ele desenvolveu muito, a fala dele. Tem hora que ele fala umas coisas que eu nem acredito que ele fala”* (Entrevistada 3).

Por fim, foram perguntadas sobre como acreditam que contribuem para a formação da identidade de seus filhos, e as respostas foram no sentido de buscarem conversar, tentar oferecer espaço para estar com outras crianças e colocar em escolas que contribuam para o desenvolvimento de seus filhos. Outro aspecto apontado foi que muitas vezes gostariam de estar proporcionando e vivenciando mais tempo com seus filhos, que gostariam de estar brincando mais, conversando, tendo mais paciência e que por outros fatores não é possível:

*“Eu acho que eu me cobro muito com meus filhos, eu acho que eu deveria tentar dar mais atenção pra eles, ter mais paciência com eles [...]eu tinha que ter mais paciência pra mim saber conversar, explicar as coisas, até que eu acho que ela muda também né? Depende de mim”* (Entrevistada 2).

*“Eu não sei, se eu tenho uma hora fazendo comida, eu to conversando com os três, quero saber da vida deles, [...] Então assim, eu to passando meio apertado com essa situação. Igual, é a formação do caráter do meu filho e eu tô passando apertado, mas eu to correndo atrás”* (Entrevistada 3).

Com este último bloco de questões pudemos ter elementos que nos contam um pouco sobre as significações que as mães têm a respeito da constituição da identidade infantil de seus filhos. Vimos que consideram muitos elementos como importantes para a infância, como conversa com as crianças, bons exemplos, brincadeiras e convivência social com outros e com crianças da mesma idade.

Percebemos também que as mães buscam passar um tempo com seus filhos, pois acreditam que o momento com eles auxilia na aprendizagem, no desenvolvimento, de maneira a somar na contribuição para a formação dessa identidade.

Sobre a constituição da identidade infantil, podemos dizer que as mães acreditam que fatores externos, como ambiente, influências, interações com outros, exemplos, bem como suas influências de hereditariedade de pai e mãe constroem e constituem a identidade infantil.

Então, pelas entrevistas, significações foram se delineando nas falas das mães e conhecemos suas memórias, experiências, concepções e algumas maneiras como interagem com os filhos e como acreditam que essas interações com os filhos e dos filhos com outros e outras crianças somam de alguma maneira para a constituição dessa identidade.

## **DISCUTINDO OS DADOS**

Neste momento pretendemos inter-relacionar as falas das mães com as significações sobre a constituição da identidade infantil levando em consideração as interações infantis. Os conteúdos das entrevistas revelaram que as memórias que construíram no decorrer de suas infâncias foram marcantes de alguma maneira e com isso as vivências que têm nos dias de hoje com seus filhos as faz pensar ou repensar suas ações, interações e relações com eles.

Estas falas nos remetem ao pensarmos o homem como um ser constituído sócio-historico-culturalmente, pois, sobre esta constituição, Vygotsky (1996) aponta que é interessante pensar o processo, onde o mundo cultural apresenta-se ao sujeito como o outro, a referência externa que permite ao ser humano constituir-se como tal.

Wallon (1975, 1986) e Vigotski (1996, 2000, 2008) com as conceituações sobre a constituição de pessoa e sobre a importância das interações com os pares nos ajudam a pensar o papel e significados construídos pelas mães quando pensam suas trajetórias e responsabilidades assumidas após a maternidade. Deste modo, as mães se percebem como parte dos processos de constituição de seus filhos e com isso são grandes parceiras que estabelecem trocas e diferentes tipos de interações com eles, colocando-se como inter-atuantes nessa identidade. Este posicionamento das mães nos mostra e exemplifica a importância do “outro” que salientam os autores citados.

Com isso, temos a família, em especial, e as pessoas que convivem dentro do lar com as crianças, como grandes co-responsáveis na construção dos processos de desenvolvimento e de constituição da identidade infantil. A maneira como as mães significam seus papéis e interagem com seus filhos se apresentam como momento de trocas entre eles, sendo esta relação construída conjuntamente.

Com isso, elas oferecerem às crianças elementos como conteúdos de conversas, diferentes tipos de comunicação, de exemplos que buscam dar, e que, juntamente com a cultura e os pares da criança, seus filhos vão tecendo a constituição da própria identidade. Segundo Goes (2000), é nas relações do indivíduo com o grupo social que a linguagem é

fundamental, e vem a caracterizar a condição humana. Esta afirmação corrobora o uso das conversas e comunicação das mães como sendo de fundamental importância desta relação.

Podemos inferir que as entrevistadas vão se percebendo e se constituindo a cada dia como mães, pois a todo o momento seus filhos vão exigindo diferentes tipos de interação, de busca por relações que contemplem o que a criança necessita no momento e, com isso, “ser mãe” para elas apresenta-se como uma construção diária.

Sobre a formação da identidade infantil, as mães salientaram a importância de interações de seus filhos com os pares, e com isso novas aquisições, socialização, aprendizagem e experiências são trocadas entre eles. Sobre esta questão, também contribuem os autores Wallon (1975, 1986) e Vigotski (1996, 2000, 2008), pois é por meio das interações da criança com o adulto e com os seus pares que ocorre a diferenciação do eu e do outro e, portanto, se configura o eu infantil.

Outro aspecto emergente nas entrevistas foi a questão das mães atribuírem a diversos fatores a formação da identidade infantil, tendo a interação com os familiares próximos como grande influência. Para elas, a convivência com a mãe, com o pai e com os irmãos, as crianças vão ficando parecidas com quem interagem, adquirindo maneiras de se relacionar, de reagir com o mundo. Ainda ressaltam características que são totalmente diferentes daquelas dos familiares próximos, o que as mães atribuem à criança se constituir por ela mesma, se diferenciando. Por estes contornos, então, cada criança vai se delineando em sua constituição.

O contato com outras crianças e adultos, principalmente no contexto educacional, foi referido pelas entrevistadas como grande formador para a criança. Para elas, adquirir novas aprendizagens, entrar em contato com outras maneiras de interagir, socializar é também uma troca de saberes entre a criança e os pares, bem como com educadores, e este espaço é local de enriquecimento da formação da identidade, bem como de desenvolvimento global da criança (VYGOTSKY, 1996).

Com isso, além do ambiente familiar e das interações dentro do lar, para as mães, os momentos de vivência dessas crianças com outras e com educadores foram ressaltados como de grande importância. A questão de escolher qual consideram a “melhor escola”, de investigar qual seria a que ofereceria maior aparato para seus filhos, é uma escolha carregada das significações que as mães trazem. A instituição é considerada por elas uma extensão de casa, e ainda um ambiente que oferece o que dentro do lar por vezes a criança não encontraria, como por exemplo, o contato com crianças da mesma idade e atividades pedagogicamente orientadas à idade. Percebemos, então, que as mães dão bastante valor às interações infantis, e vêem estas como formadoras, como essenciais na constituição da identidade de seus filhos.

Nas falas, elas apontam ainda que a cultura, a televisão, a religião também são formadores dessa identidade, pois a criança em contato com estes meios se apropria deles à sua maneira e com isso vai se constituindo individualmente. Wallon (1975, 1986) e Vigotski (1996, 2008) dão força a este pensamento ao considerarem fatores que circundam a pessoa como também constituintes desta, como a cultura, a sociedade na qual se está inserido, bem como o momento histórico que se vive. Desta forma, são ampliadas as possibilidades da criança para afirmar e desenvolver, cada vez mais, a sua individualidade e para compreender melhor as relações sociais da cultura à qual pertence.

Estas significações e concepções que as mães trazem dialogam com Sigardo (2000), Nogueira (2002) e Smolka (2002) ao comentarem a concepção de pessoa para Vigotski, dizendo que esta é entendida como um indivíduo social, real e concreto que adquire sua singularidade por meio das interações com outros. Assim, o contato com pares, familiares e com a cultura ao seu redor também são constituintes.

O processo de se singularizar por meio do contato com o outro é o que traz Wallon, salientado por Dantas (1995), na qual apresenta que a unicidade da pessoa se dá pelas relações com o outro que a criança vai desenvolvendo, e com isso sua identidade vai se constituindo de forma co-construída.

Assim, percebemos que as significações que as mães construíram a respeito da constituição da identidade de seus filhos possuem elementos de suas próprias histórias, que são repensadas e revisitadas de modo que interagem com seus filhos da maneira como consideram a mais adequada na medida do possível. Podemos dizer, também, que as interações com outras crianças e com familiares foram apontamentos que trouxeram como grande importância para a formação dessa identidade. É com o outro que seus filhos vão encontrando a si mesmo, se diferenciando, relacionando e se constituindo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que as mães apontaram principalmente as interações com suas crianças, bem como as interações destas com seus familiares e pares como as grandes instâncias constituidoras da identidade infantil. Também as influências da cultura e de meios de comunicação com os quais a criança mantém maior contato são salientados. Ainda os exemplos que a criança recebe por meio das interações com o universo ao seu redor são, para elas, grandes responsabilidades a essa formação.

Neste sentido, refletimos que conhecer e dar voz às vivências e experiências construídas pelas mães nos oferecem subsídios para compreendermos as significações desenvolvidas por elas e, conseqüentemente, olhamos para as relações, interações e concepções delas para com seus filhos de maneira integrada e ampliada. Também compreendemos com mais elementos os tipos de vivência que têm com eles, e com isso, a maneira que buscam apresentar o mundo à criança.

Nessa retrospectiva, também, percebemos que elas buscaram compreender como ocorreram suas próprias constituições de identidade e, conseguinte, sua constituição como mães. Assim, ao olharem seus passados consideraram importante alguns elementos que buscam utilizar em suas interações, como o tempo que passam com seus filhos, os tipos de brincadeiras, de conversa, dentre outros.

Sobre tais significações, também percebemos que as mães valorizam as interações das crianças na constituição da identidade infantil. Podemos inferir que é importante pensar junto a família com o contexto educacional e buscar diálogo junto à instituição infantil na busca de uma educação de qualidade.

Este trabalho, então, vai em direção a novas discussões no âmbito educacional, buscando que educadores ampliem seu repertório sobre as concepções de educação e de interações infantis que as mães apresentam. A força do diálogo, da escuta, da relação pais-educadores, é necessária, pois a instituição educacional conhecendo o que os pais concebem como brincadeira, interações, desenvolvimento e educação proporciona trocas com a família no sentido de uma prática engajada e de qualidade.

Os atores da instituição educacional podem ainda proporcionar espaços com os pais para promover discussões, e ir além de apenas momentos de troca de informações e queixas. Assim, é possível a construção de parcerias mais sólidas construídas a partir do ponto de vista dos pais em conjunto com educadores. Este tipo de trabalho auxilia no sentido da horizontalidade e não da verticalidade das relações, da valorização dos vários saberes.

Esta pesquisa ainda favorece na formação do Psicólogo e de profissionais envolvidos com Educação e fortalece na relação da escuta e da troca entre profissionais e familiares. É, ainda, uma reflexão sobre as instituições conhecerem a visão, concepção e a voz dos pais. Assim, podemos olhar a criança como um todo, interagindo contexto familiar juntamente com o contexto educacional.

Por fim, este trabalho apresenta-se como um dos olhares possíveis sobre os vários que podem ser desenvolvidos para entender o que propomos. Estudos que versam sobre constituição da identidade infantil, compreensão de significações construídas, e de

possibilidades de relações entre família e escola são assuntos que precisam ser explorados, e este trabalho apresenta-se como um convite a essas questões.

Esperamos, então, oferecer elementos para versar sobre a escuta e sobre o estudo de relações entre pais e filhos, e para conseguintes olhares sobre o tema, pois assim estamos favorecendo possibilidades para uma educação de qualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **A História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Editora LTC: Rio de Janeiro, 1981.

CARVALHO, M. C. B. (org). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

COSTA, L.F.M. **Oposição e afirmação do eu: um estudo com crianças em creche**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **O processo de constituição do eu e do outro: dialogando com a perspectiva da RedSig**. 2007. Relatório (Pós Doutorado) - Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil - CINDEDI, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto–USP, 2007.

DESSEN, M. A.; RAMOS, P. C. C. Crianças pré-escolares e suas concepções de família. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 47, dez. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2010000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 20 jul. 2011.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, abr. 2007.

FUSCALDI, S. V. **Filhos sob medida de proteção em abrigo: o os significados construídos por suas famílias**. Tese de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GOES, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, vol.21, no.71, p.116-131. Jul. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, abr. 1993. Disponível em <[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 fev. 2011.

GONZALEZ-REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia – caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

NASCIMENTO, R. C. **Dramas e tramas do (não) aprender: significações sobre o sujeito que apresenta dificuldades de aprendizagem**. Tese de Mestrado em Psicologia. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

NOGUEIRA, A.L.H.; SMOLKA, A. L. O desenvolvimento cultural da criança: mediação, dialogia e (inter)regulação. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (orgs.) **Psicologia, Educação e temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 1, mar. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 set. 2010.

PINO, A. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 17-24, 1993. Disponível em <[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 fev. 2011.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estud. psicol. (Campinas)** [online]. 2009, vol.26, n.2, pp. 215-225. ISSN 0103-166X. doi: 10.1590/S0103-166X2009000200009.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K. S.; OLIVEIRA, Z. M. R de. Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, set. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642009000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 fev. 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C., AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S., OLIVEIRA, Z. M. R. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742008000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Fev. 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. & CARVALHO, A.M.A. **A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A. P. S. Rede de Significações: Alguns conceitos básicos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SIGARDO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigostki. **Caderno CEDES**, Campinas, ano XXI, nº 71. Julho, 2000.

SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta da Rede de Significações. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, J. C. M. **Os significados construídos na e pela relação família-escola: um estudo com pais e educadores**. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SZYMANSKI, H. Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária. **Paidéia [USP]**, Ribeirão Preto: v. 16, n. 33, p. 81-90, jan./abr., 2006.

\_\_\_\_\_. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psidoeducacional. **Estud. psicol. (Campinas)** [online]. 2004, vol.21, n.2, pp. 5-16. ISSN 0103-166X.

\_\_\_\_\_. Teorias e "teorias" de famílias. In M. C. B. Carvalho (Ed.), **A família contemporânea em debate** (p. 23-27). São Paulo: EDUC, 2002.

WALLON, H. **L'évolution psychologique de l'enfant**. 11<sup>a</sup> ed. Paris: Armand Colin Éditeur, p. 186, 2002.

\_\_\_\_\_. A crise da personalidade (três anos). Afirmação do eu e objetividade. In: WEREBE, M. J. G.; BRULFERT, J. N. **Henri Wallon – Psicologia**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. O papel do outro na consciência do eu. In: WALLON, H. **Psicologia e educação na infância (Coletânea)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. As etapas da personalidade na criança. In: \_\_\_\_\_. **Objetivos e Métodos da Psicologia**. [Buts et Methodes de la Psychologie] Trad. Franco de Souza. (antologia). Lisboa: Editorial Estampa, 1975a.

\_\_\_\_\_. O estudo psicológico e sociológico da criança. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975b.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L.S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, n.71, p.21-44, 2000.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas IV**. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuicones, 1996.